

Anderson Cavalcante e Gabriel Perissé

A ORAÇÃO DE SÃO FRANCISCO

Fé, esperança e paz para uma vida feliz



SEXTANTE

Sumário

Uma mensagem de paz	7
A história e o sentido da Oração de São Francisco de Assis	13
Senhor, fazei-me instrumento de Vossa paz	24
Onde houver ódio, que eu leve o amor	32
Onde houver ofensa, que eu leve o perdão	39
Onde houver discórdia, que eu leve a união	47
Onde houver dúvida, que eu leve a fé	55
Onde houver erro, que eu leve a verdade	63
Onde houver desespero, que eu leve a esperança	71
Onde houver tristeza, que eu leve a alegria	79
Onde houver trevas, que eu leve a luz	87
Ó Mestre, fazei que eu procure mais	95
Consolar que ser consolado	103
Compreender que ser compreendido	110
Amar que ser amado	118
Pois é dando que se recebe	127

É perdoando que se é perdoado	135
E é morrendo que se vive para a vida eterna	143
É esquecendo de mim que eu me encontro (o verso omitido)	151
Conclusão	157

Uma mensagem de paz



Dois Franciscos

O surgimento de um novo papa em 2013, com uma proposta de vida essencialmente evangélica, provocou reações positivas em todo o mundo, inclusive no Brasil. Sente-se a esperança de uma renovação espiritual dentro e fora da Igreja Católica. O nome que o argentino Jorge Bergoglio escolheu para si, Francisco, trouxe à tona a lembrança de São Francisco de Assis, que revolucionou a Europa há 800 anos e se tornou referência para toda pessoa que valoriza o desprendimento, a humildade e o amor universal.

É como se, de repente, dois Franciscos existissem no cenário mundial, unindo tradição e modernidade, e oferecessem para todos nós uma renovada mensagem de paz imprescindível para o nosso tempo, no qual a guerra, a violência e o desamor se alastram ante nossos olhos.

Francisco de Assis queria seguir o exemplo de Jesus Cristo de um modo absoluto, em todos os aspectos. Um de seus gestos, nesse sentido, era aproximar-se das pessoas desejando-lhes a paz. Foi com essa mesma palavra que Jesus, depois da Ressurreição, se apresentou aos seus discípulos, que haviam se escondido no cenáculo com medo do que lhes poderia

acontecer. E o Papa Francisco, numa de suas reflexões, definiu a paz cristã como “paz inquieta”, que nos impulsiona a tomar iniciativas a favor de um mundo onde as pessoas se sintam acolhidas e respeitadas.

Dois autores

A vida é a arte do encontro. O livro que você tem em mãos surgiu do encontro de dois seres humanos que trilham seus próprios caminhos. Dois autores que partilham pensamentos e propósitos semelhantes. Duas almas que têm sede da sabedoria de São Francisco. Exatamente como você.

Não nos unimos para ensinar, mas para buscar. Porque acreditamos que a nossa trajetória, tal como a de todo mundo, é um processo em curso. A vida não é uma sucessão cronológica de acontecimentos, mas uma prática em busca do Eterno.

Numa conversa a respeito de vários temas, partilhando planos profissionais, rindo de certos percalços e temendo por outros que estão por vir, refletindo sobre a vida em geral e sobre os últimos acontecimentos que têm agitado o dia a dia da humanidade, nós dois descobrimos um interesse comum pela Oração de São Francisco.

Foi assim que surgiu a ideia de escrevermos um livro em conjunto, com o intuito de compreender os princípios fundamentais dessa oração inspiradora e partilhá-los com você. Trata-se, antes de tudo, de um convite para sonharmos, juntos, com um mundo melhor.

Escrevendo e revisando a quatro mãos, enfrentamos toda a sorte de obstáculos; aprendemos a superar vaidades autorais e deixar aflorar na escrita “apenas” ideias e valores. Mais do que um estilo comum para esta obra, descobrimos, na prática,

como se pode encontrar, num trabalho tão individual que é o de escrever, uma oportunidade única para fortalecer os laços de amizade e a admiração mútua.

O resultado desse encontro está nas páginas que se seguem, e foi construído, linha a linha, com a vontade firme de seguirmos a inspiração maior deixada por São Francisco de Assis. Nosso coração está verdadeiramente em festa, porque o terceiro elo dessa arquitetura espiritual finalmente veio unir-se a nós: você, amigo leitor.

Rezar e agir pela paz

Na sociedade conturbada em que vivemos, sentimos medos de todos os tipos. Temos medo de ser substituídos e descartados como objetos obsoletos. Não nos sentimos seguros com relação ao futuro, daí a importância de promover a paz.

Neste livro, cada frase da Oração de São Francisco foi analisada tendo em vista o mundo contemporâneo, cujas preocupações e ansiedades sentimos dentro de nós e ao nosso redor. Procuramos mostrar aqui que é possível sair da apatia e transformar a nossa realidade. Além de rezar, é possível agir em prol de um mundo mais humano.

A essência da Oração de São Francisco, que é também um poema, está na tomada de atitude. Onde houver dúvida, a pessoa deve levar a fé. Onde houver erro, a verdade. Esta prece não admite o conformismo. Quem deseja a paz interior precisa sair de si mesmo e levá-la aos outros.

Em contraste com a enxurrada de informações que recebemos e mal conseguimos ler e assimilar, esta oração insiste em apenas um ideal: é dando que se recebe. Quem quiser buscar o bem somente para si não o encontrará nem mesmo entre

aqueles de quem gosta. Mas quem se preocupar em difundir a paz e outros valores positivos será recompensado, já nesta vida, por esses mesmos bens. A oração reflete uma passagem decisiva do Evangelho: “Pois quem quiser salvar sua vida a perderá; mas quem perder sua vida por causa de mim e do Evangelho, a salvará” (Marcos 8: 35).

É nesta simplicidade exigente que reside a força maior desta oração. Por isso a mensagem dela pode ser facilmente compreendida. Ao mesmo tempo, basta uma leitura mais atenta para perceber que é também esta simplicidade o que mais nos desafia. Temos de simplificar a nossa alma para alcançar a paz. Precisamos nos despojar dos excessos para atingir o essencial da vida.

A estrutura do livro

Uma oração simples e profunda requer o mesmo espírito de análise. Procuramos seguir os passos dos dois Franciscos, os do santo medieval que se fez pobre para enriquecer seus semelhantes e os do sumo pontífice que acredita na máxima de seu antecessor, Bento XVI, que escreveu: “Servir é reinar.”

Nosso intento foi mostrar que cada verso da oração questiona a nossa conduta e nos propõe uma renovação interior. Essa renovação transformará o nosso comportamento, que por sua vez influenciará as pessoas com quem convivemos.

A ênfase é sempre nos aspectos construtivos da vida. Uma luta negativa já é o começo da derrota. O Cristianismo sabe identificar o mal com precisão, mas não se deixa aprisionar por ele. O moralismo é fixado no pecado, mas sua preocupação excessiva em recriminar termina por impedir o acesso aos bens espirituais. A paz interior tem início numa visão positiva

da vida, em que os erros, as trevas e o ódio tornam-se degraus para uma ascensão em busca das coisas do Alto.

Embora a Oração de São Francisco possa não ter sido criada por ele, como explicamos mais adiante neste livro, é perfeitamente possível que a tivesse escrito. Na verdade, a biografia de Francisco é o retrato vivo de tudo aquilo que está na oração.

Por isso, ao final de cada capítulo, incluímos uma breve passagem da vida do santo de Assis, que ilustra e resume o tema específico ali abordado. Em todas elas, porém, seja uma história relativa ao perdão ou à compaixão, à concórdia ou à generosidade, nota-se que o objetivo maior de Francisco era sempre tornar-se instrumento de Deus na Terra, um instrumento da paz.

Uma mudança de vida

Vivendo em uma época de apreensões e receios, em que sentimos com tanta urgência a necessidade da paz, também precisamos realizar uma mudança de vida. Esta mudança não tem a ver com nenhum tipo de proselitismo estritamente religioso. A Oração de São Francisco nos convida a realizar uma conversão existencial, sejamos cristãos ou não, frequentemos ou não alguma igreja. O seu espírito é ecumênico. Toda pessoa de boa vontade haverá de reconhecer em suas palavras verdades profundas e libertadoras, sem rótulos nem prazos de validade.

Um dos maiores obstáculos para a realização da paz é a desunião entre pessoas que têm a mesma religião ou que, mesmo aderindo a credos religiosos diferentes, possuem em comum alguns pontos que seriam suficientes para que se respeitassem.

Para não ir muito longe, todos aqueles que acreditam num Criador do Universo deveriam se sentir irmãos.

A paz é um bem universal e por isso deve ser construída por todos nós, em nome de valores que estão presentes neste livro. Se cada pessoa, ao ler a Oração de São Francisco, decidisse colocar em prática o que seu conteúdo propõe, assistiríamos a uma revolução inusitada. Essa revolução, na verdade, começou faz vinte séculos. Jesus Cristo foi e continua sendo a inspiração maior de milhões de mulheres e homens que, antes de acusarem os outros, preferem arregaçar as mangas e lutar por uma cultura do amor.

Você, leitor, tem em mãos um roteiro para implantar a paz em seu coração e, a partir dessa vitória, contribuir para que nossa época seja não apenas diferente de tudo o que se viu na história até hoje, mas também um tempo de verdadeira paz.

Anderson Cavalcante e Gabriel Perissé

A história e o sentido da Oração de São Francisco de Assis



A inspiração franciscana

Todos nós já ouvimos falar de São Francisco de Assis. Exemplo supremo de fraternidade, singeleza e simplicidade. Protetor da natureza. Semeador da paz. Fonte que irradia amor. Um homem de Deus. Mas será que o conhecemos de fato? Entendemos a profundidade de suas palavras? Conseguimos vislumbrar o ponto mais alto de sua sabedoria?

Presenciamos um momento singular na história. Nunca os ensinamentos de São Francisco foram tão buscados como agora. Não por acaso, o Santo Padre da Igreja Católica escolheu ser nomeado Francisco, como aquele que compreendeu como nenhum outro santo o Deus que veio ao mundo, pobre, para nos libertar de nossas misérias e, sem titubear, pautou sua vida pela celebração da fé.

A experiência de São Francisco é única, porque não se baseia em leis filosóficas ou teológicas, mas na vida. A vida que vem de Deus. O que ele pregou sempre foi e sempre será uma *mensagem vivida*. Francisco colocou em prática, como poucos, os mais belos ensinamentos do Evangelho. Sua identificação com

Jesus Cristo foi tão grande que ele aparece na história da Igreja como um dos maiores modelos do autêntico cristão. Não por acaso São Francisco já foi chamado “o Primeiro depois do Único”, ou seja, entre os discípulos de Cristo, ele foi um dos que mais se aproximaram do Mestre.

Mas Francisco não se tornou apenas modelo de virtude e santidade para os católicos, que veem nele um seguidor exemplar de Jesus. Sua conduta e suas palavras impressionaram também os seguidores do Islã que o conheceram naquele tempo. E, de lá para cá, milhões de pessoas de diferentes religiões encontraram nele um exemplo formidável de generosidade, desprendimento, coragem, humildade, fraternidade e alegria.

A mensagem de Francisco é de uma simplicidade a toda prova. O que ele nos mostra com sua vida é que precisamos nos dedicar somente ao estritamente necessário. E “uma só coisa é necessária”, como disse certa vez o próprio Cristo a uma de suas discípulas. Dando prioridade para o necessário, tudo o que nos deixa ansiosos e tensos acaba sendo abandonado no caminho.

O necessário nesta vida é encontrar-se com a maior de todas as riquezas, que pode ser traduzida pela palavra AMOR – palavra tantas vezes mal-usada, e que pensadores e místicos de todos os tempos identificam com a divindade: Deus é amor. A conclusão disso é que o amor é a única coisa pela qual vale a pena viver e morrer.

Sendo um homem que amava a Deus e, em nome desse amor, amava todas as criaturas, a biografia e os escritos de Francisco convergem para apenas um conselho: se você quer ser feliz, na sua vida e depois da morte, cultive uma relação amorosa e terna com tudo o que existe. Mais ainda: não se

deixe abater perante as adversidades, e saiba levar o perdão onde houver ofensa, a fé onde houver dúvida e a união onde houver discórdia.

Uma vida dedicada a amar

Francisco nasceu em plena Idade Média (em 1181 ou 1182), mas, na verdade, é contemporâneo de todos os que vieram depois dele, inclusive você, que agora lê este livro. São Francisco se fez presente ao longo dos séculos. Temos a nítida impressão de que esse homem iluminado está aqui, ao nosso lado, falando sobre temas que nos preocupam em nosso dia a dia.

Ele nasceu em Assis, cidade localizada na Úmbria (região da Itália central), numa família abastada. Embora sua mãe quisesse dar-lhe o nome de Giovanni (João, em português), com o qual foi batizado, seu pai, Pietro di Bernardone, o apelidou de Francesco (Francisco), isto é, “francês”, por admiração ao país que lhe rendera bons negócios. O epíteto pegou e, ao longo dos últimos 800 anos, graças ao santo de Assis, tornou-se um dos nomes mais populares do mundo. Hoje, é o segundo nome mais comum na Itália, depois de Giuseppe (José).

Pietro di Bernardone enriqueceu graças ao seu tino comercial no ramo de tecidos (e também por uma provável atividade como agiota), e era compreensível que visse no filho o herdeiro de sua capacidade de negociar e enriquecer. Todavia, Francisco alimentava sonhos quixotescos. Mais do que um burguês bem-sucedido, desejava ser herói. Imaginava-se em lutas e aventuras que lhe dariam prestígio, e foi o que tentou conquistar a partir de seus 17 anos de idade, lançando-se numa batalha que lhe rendeu um ano em cárceres inimigos.

Um ano de cadeia deixou Francisco adoentado e mais reflexivo. Não renunciou ao sonho de se tornar cavaleiro, mas dentro dele começava a crescer uma profunda inquietação espiritual, que em breve o levaria à conversão. Nem comerciante sagaz, nem paladino da justiça, Francisco se sentia chamado a outro estilo de vida. Aos poucos, foi abrindo os olhos para os pobres e necessitados. Quando não estava trabalhando na loja do pai, fazia longos passeios solitários, andava a esmo, aturdido, meditando e rezando. Mas não sabia que caminho seguir.

Certo dia, no ano de 1206, cavalgando sozinho pelas redondezas de Assis, deparou com um hanseniano. Como acontecia nos tempos de Cristo, no Oriente, os leprosos na Europa medieval eram vistos como pecadores disformes e incuráveis, seres que deveriam manter-se afastados da sociedade. Francisco desceu do cavalo, aproximou-se daquele homem coberto de feridas, entregou-lhe dinheiro, deu-lhe um abraço e o beijou. Ao realizar esse gesto de misericórdia, sua vida deu uma guinada para o Alto!

Mas isso foi apenas o começo. Ao fazer suas orações diante de um crucifixo, numa igrejinha caindo aos pedaços, ouviu Jesus lhe dizer: “Francisco, não vês que minha casa está desmoronando? Vai e reconstrói a minha Igreja!” Animado com esse pedido, vendeu seu cavalo e outros bens para conseguir o dinheiro necessário e promover a reconstrução daquela igreja. Não havia entendido ainda que era a própria Igreja, a instituição, que ele deveria restaurar. Uma Igreja que, na época, atravessava uma grave crise de valores, perigosamente fascinada pelo poder e pela riqueza material.

Francisco passou a se dedicar a longas orações e rigorosos jejuns. Afastou-se da cidade, do trabalho na tecelagem e do

pai (seu patrão), que decidiu deserdá-lo. Não havia mais diálogo entre os dois. Os sonhos de um eram inconciliáveis com os do outro. Francisco estava em busca de bens imateriais e Pietro se enfureceu, pensando em todo o investimento inútil que fizera no filho ingrato.

Sem dinheiro, sem moradia fixa, vestindo uma humilde túnica, com os pés descalços e um cajado na mão, Francisco dava início a uma nova etapa de sua existência, que abria caminho para uma renovação espiritual na Igreja e no mundo. O moço, que tanto se deleitara com o luxo e os prazeres da vida, passou a se dedicar ao trabalho manual, como pedreiro reconstrutor de igrejas, pedindo comida de porta em porta para sobreviver.

Foi entre os anos de 1208 e 1209 que Francisco finalmente entendeu o teor de sua vocação. A grande luz veio de uma passagem do Evangelho em que os seguidores de Cristo são apresentados como caminantes desprendidos de tudo. Para anunciar o Reino de Deus, devem ir por todo o mundo, sem possuir propriedades nem dinheiro, dando ao próximo aquilo que gratuitamente receberam, andando apenas com a roupa do corpo e vivendo da hospitalidade alheia.

Em 1209, Francisco e seus primeiros seguidores viajaram até Roma. Foram pedir a aprovação do Papa Inocêncio III para aquele modo de viver o Cristianismo, baseado na pobreza extrema. O papa ficou maravilhado diante daquele grupo e da firmeza com que seu líder se apresentou. Concedeu-lhes a aprovação oficial da Igreja, autorizando Francisco e seus companheiros a pregarem o Evangelho nas igrejas e pelos caminhos do mundo.

Como pregador itinerante, em meio a grandes provações, Francisco viu surgir em si um talento inesperado: a capa-

cidade de falar à multidão. Ele pregava com simplicidade e espontaneidade, usando gestos, mímica, cantos e melodias. O artista e poeta Francisco de Assis cativava seus ouvintes, que já estavam cansados dos sermões vazios, entediantes e incompreensíveis da época.

Francisco inaugurava uma nova forma de atuar dentro da Igreja. Não era como padre nem como monge que ele iria falar em nome de Deus. Não era como um cruzado que iria, pelo duvidoso emprego das armas, defender a fé e os interesses de Roma. Ele era um leigo comum, um andarilho. Não era soldado, nem teólogo profissional, nem autoridade religiosa.

Sua vocação, portanto, era levar a mensagem da salvação e da paz a todos, literalmente, sem qualquer discriminação: crianças e adolescentes, homens e mulheres, padres e religiosas, doutos e ignorantes, pobres e ricos, pessoas saudáveis ou doentes, gente de todas as nações. Francisco não excluía ninguém!

Foi seguindo o exemplo de Jesus – que abriu mão de tudo para enriquecer a humanidade com seu amor incondicional – que Francisco abraçou e beijou a pobreza, a obediência e a castidade. E nesse abraço amoroso descobriu a riqueza que consiste em amar a tudo e a todos.

Um santo para o nosso tempo

Aquele homem de Deus sabia dialogar com todos os seres humanos e também com a natureza. Ele se sentia irmanado com o Sol e a Lua, com a água e o fogo, com todos os elementos e com os animais, compartilhando, e superando em termos espirituais, as nossas preocupações com o meio ambiente.

A prática da fraternidade franciscana, com animais ou com homens, está baseada no desejo de construir a harmonia universal. Francisco era um peregrino da paz. Por onde passava, defendia o perdão como a melhor forma de desarmar os espíritos.

Outra característica de Francisco que o identificava com Jesus e que faz dele um santo para o nosso tempo é o carinho e o respeito que tinha pelas crianças, que precisam ser ouvidas e incentivadas. A festa de Natal que Francisco celebrou numa gruta próxima à cidade italiana de Greccio, em 1223, representando com seres vivos o nascimento do Menino-Deus, foi uma engenhosa ideia para aumentar a devoção cristã e, de modo indireto, valorizar a infância. O Natal, para ele, devia ser uma data celebrada com alegria e simplicidade. O Deus Todo-Poderoso se faz criança necessitada dos cuidados da humanidade. Hoje também necessitamos olhar e proteger as crianças de diversas formas de violência, entre as quais a pedofilia é especialmente odiosa e ainda mais escandalosa quando praticada por sacerdotes da Igreja.

Francisco colocava-se ao lado dos pobres, dos humilhados, dos desassistidos, dos que tinham menos prestígio, e por isso esteve também ao lado das mulheres, cuja dignidade ao longo da história foi (e até hoje é em muitos lugares) desprezada pelos homens e pelas instituições.

A presença de Santa Clara na vida de Francisco é mais um sinal de sua sensibilidade e de seu humanismo. Entre os dois nasceu uma amizade acima de qualquer egoísmo, superando os receios puritanos que fizeram (e ainda fazem) muitos religiosos olharem para a mulher como fonte de tentação e pecado. Francisco, em vez disso, encontrou em Clara uma aliada na grande batalha para transformar a Igreja das trevas numa

Igreja de luz. Conheceu-a quando ela tinha 17 anos e ajudou-a a fugir de casa. Assim como Francisco, Clara também rejeitava os planos de seus pais. Não queria casar-se e ter uma vida controlada dentro de casa. Queria se dedicar integralmente a Deus e à humanidade.

Inspirada pelo ideal franciscano, Clara fundou um movimento feminino que até hoje influencia a vida de milhares de pessoas em todo o mundo. Existem cerca de 1.500 mosteiros da Ordem das Clarissas nos cinco continentes. Um ano antes de sua morte, em 1253, Clara assistiu a uma missa celebrada a distância, sem sair do leito em que se encontrava doente. Por isso foi aclamada, em 1958, como a padroeira da televisão.

Até a sua morte, Francisco teve muitas alegrias e decepções. Exigia-se bastante para que seu ideal fosse seguido, e vários dentro da Igreja quiseram diminuir as austeridades e os exageros de Francisco. De fato, o santo de Assis desejava sempre ir às últimas consequências e sonhava receber o martírio. Mas devemos reconhecer que a moderação também faz parte da vida. Francisco aceitou as mudanças, sem que precisasse abrir mão do essencial. O fundador do movimento que ganharia seu nome praticou a santa obediência e a humildade heroica, compreendendo a necessidade de que a Ordem Franciscana fosse integrada às regras da Igreja Católica para não se transformar numa nova seita de fanáticos.

O mérito de Francisco, 1.200 anos depois de Cristo, foi declarar aos próprios cristãos que eles precisavam começar tudo outra vez. Celebrar um novo Natal para todos e para cada um de nós. A história dos primeiros 12 séculos de Cristianismo estava carregada de luzes, mas também de sombras. O poeta de Assis veio dizer que era preciso virar a

página da história, pedir perdão a Deus, jogar fora o excesso de bagagem e lançar-se com bravura em direção ao futuro.

Para vencer o desânimo e o desespero, temos que nos esva-ziar de nós mesmos, voltar a ser crianças, apreciar a natureza, reaprender a conversar com os bichos e a brincar, cheios de confiança, na casa do Pai. Entre as virtudes de Francisco, uma que sobressaía era a gratidão. Ele agradecia constantemente o milagre da vida, e por isso tinha os olhos abertos para as grandes e pequenas dádivas de Deus.

Morreu aos 45 anos, praticamente cego, no fim de um sábado, 3 de outubro de 1226, cercado de amigos. Pediu que, em seus últimos momentos, fosse deitado, nu, no chão da choupana em que estavam. Queria receber o abraço da irmã Morte Corporal com aquele derradeiro sinal de humildade e despojamento.

A atualidade de uma oração

A Oração de São Francisco que conhecemos veio à luz em Paris, em 1912, numa modesta publicação católica chamada *A sineta*, editada pelo padre Esther Bouquerel. Vinha sob o título: “Bela oração para se fazer durante a missa.” Em 1916, o Papa Bento XV julgou oportuno que a oração fosse traduzida para o italiano e divulgada no periódico *L’Osservatore Romano*. Pouco depois, reapareceu num dos jornais de maior circulação na França, o *La Croix*. Mais tarde, a tradução para o inglês acelerou sua popularização.

Por volta de 1920, um frei capuchinho mandou imprimir e distribuir o texto com o título “Oração pela Paz” no verso de uma imagem de São Francisco. Não chegava a lhe atribuir a autoria, mas permitia a associação entre o santo e o poema.

Em 1927, o movimento protestante francês Os Cavaleiros do Príncipe da Paz, voltado para a promoção da harmonia entre os povos, difundiu a oração pela Europa, atribuindo-a ao santo de Assis.

Vários estudiosos levantaram a questão da autoria da Oração de São Francisco de Assis, também conhecida como a Oração da Paz a partir da década de 1940. Isso não impediu que seu conteúdo se propagasse durante a Segunda Guerra Mundial e depois dela, com traduções para os idiomas alemão, espanhol, russo, polonês, etc. A urgência em alcançar a paz deixava de lado a questão da autoria.

Podemos afirmar com tranquilidade que esta oração está vinculada ao legado espiritual que Francisco de Assis deixou para a humanidade e pode ser considerada a expressão dos seus ensinamentos. Cada uma de suas frases está carregada daquela generosidade que lhe valeu um lugar de destaque na história da humanidade.

Francisco era poeta, e também por isso acabou sendo compreensível que muitas pessoas, mesmo com certa cultura, aceitassem que aquela oração tivesse sido composta no século XIII, e não em inícios do século XX.

Seja como for, os versos lembrados e analisados neste livro são úteis para o nosso tempo conturbado, como o seriam, certamente, para os difíceis tempos em que Francisco viveu, ou mesmo para toda e qualquer época em que houve guerras e dúvidas, angústias e medos, desamor e trevas.

Uma última curiosidade a respeito desta prece tão atual é que no texto original em francês havia uma frase que se perdeu nas inúmeras transcrições e traduções. Trata-se do verso “É esquecendo de mim que eu me encontro”, que ficava entre “Pois é dando que se recebe” e “É perdoando que

se é perdoado”. Esta frase, aqui resgatada, propõe também uma rápida reflexão. O fato de ter sido omitida faz pensar em como a mensagem cristã precisa ser praticada por todos aqueles que acreditam em sua força renovadora. Esquecer-se de si mesmo não é anular-se. Na lógica do Cristianismo, que foi aquela adotada por São Francisco de modo pleno, o mundo só viverá em paz consigo mesmo e com Deus quando fizer o caminho oposto ao do egoísmo.

Como dizia o profeta Isaías, sonhando com o futuro, as pessoas um dia “devem fundir suas espadas, para fazer bicos de arado, fundir as lanças, para delas fazer foices. Nenhuma nação pegará em armas contra a outra e nunca mais se treinarão para a guerra” (Isaías 2: 4).

Senhor, fazei-me instrumento de Vossa paz



Todos nós gostaríamos de conviver em harmonia e manter a paz de espírito, mas nos ambientes que frequentamos isso nem sempre é possível. As diferenças entre as pessoas provocam atritos constantes. E como somos inflexíveis em nossas crenças e opiniões, tudo indica que esses desencontros e choques sempre existirão.

Isso não quer dizer que devemos deixar de pedir que a paz se propague no mundo inteiro. A Oração de São Francisco nos ensina a sonhar e a lutar pela paz. A paz em nossa casa, nas ruas, nas cidades e entre todas as nações. A paz, sobretudo, dentro de cada um de nós.

O que nos falta muitas vezes é manter a serenidade diante das contrariedades e dos obstáculos, semeando a paz com a nossa conduta. Por que você acha que certas pessoas são capazes de permanecer de pé mesmo quando o “mundo desaba” e todos ao seu redor perdem a cabeça? Nada poderá nos abalar se estivermos em sintonia com o Deus da paz.

A serenidade é uma centelha do equilíbrio de Deus que carregamos dentro de nós. Precisamos saber ativá-la. É isso que significa ser instrumento da paz. Manter uma

postura serena e nos converter decididamente ao caminho da conciliação.

Quem alimenta conflitos e antagonismos não cria a paz. Quem acredita que Deus é o único responsável pelas hostilidades que existem entre os homens e o único que pode solucioná-las não assume a responsabilidade pelos próprios atos nem sabe transformar a si mesmo e ao mundo.

De que adianta ter o carro mais potente, as melhores roupas, os aparelhos tecnológicos mais modernos e outros bens de valor, se em algum lugar alguém se sentiu ferido e desvalorizado por algo que você fez ou falou? Não é possível mudar o que já está feito, mas o esforço sincero para mudar de rumo é algo que conta muito diante de Deus. Ele não está preocupado se você é ou não uma “pessoa perfeita”, mas sim com seu empenho em melhorar a cada dia.

A vida nos apresenta várias maneiras de corrigir nosso caminho e ir mais longe em nossas buscas. A Oração de São Francisco nos indica que devemos ser um instrumento para a construção de uma realidade melhor para nós e para aqueles que nos rodeiam, seja onde for, em casa ou no trabalho, na escola ou no trânsito, num barzinho com os amigos ou na sala de espera de um hospital.

Sem os seus instrumentos, um médico não conseguirá fazer um bom diagnóstico nem dar o tratamento adequado a seus pacientes. Um engenheiro civil terá muita dificuldade em acompanhar uma obra sem instrumentos de precisão. O mesmo vale para o dentista, o padeiro, o atleta, o policial, o professor e todos os demais profissionais que precisam de meios para realizar seu ofício da forma mais apropriada. Assim como um instrumento se torna parte ou extensão do homem para ele realizar seu ofício, que nós sejamos também

uma extensão da mão de Deus, Seus instrumentos para difundir a paz.

Ser instrumento da paz é, seguindo o exemplo de São Francisco de Assis, viver o desafio permanente de nos lançarmos por inteiro em direção àquilo em que acreditamos, não importando se os outros torcem o nariz ou pensam que somos incapazes de prosseguir. Devemos, como Francisco, nos desapegar de tudo aquilo que nos impede de caminhar com liberdade, deixando de lado a preguiça espiritual. Devemos rever nossos relacionamentos, curar as feridas e pedir a Deus, com vontade firme, que sejamos bons instrumentos. Deus garantiu: “Peçam e receberão, busquem e encontrarão.” Nenhuma palavra dirigida a Ele ficará sem resposta.

Semeie a paz dentro de você

A busca e a difusão da paz deve ser algo permanente em nossa vida. Mas por onde começar?

A resposta é simples: comece dentro de você.

Mas atenção: esse é o tipo de missão que ninguém irá cumprir em seu lugar. Nem mesmo Jesus Cristo, que foi anunciado por todos os profetas como o Príncipe da Paz. Ele veio e nos libertou de todos os entraves quando morreu na Cruz por nós; agora é a nossa vez de colaborar para a vitória do Reino da Paz.

As respostas são simples, mas não é fácil colocá-las em prática. Acordamos e saímos de casa com uma energia totalmente diferente daquela com que retornamos no fim do dia. Muitos se sentem sugados pelas atividades e preocupações da vida e voltam para casa esgotados, prontos para largar o corpo na cama e dormir. Essa rotina destruidora vai tomando conta de nós, e de repente nos vemos afastados de nossa essência humana.

A paz é um estado de espírito e, portanto, algo que começa no interior de cada pessoa. A nossa essência humana está ligada a Deus, que nos criou à Sua imagem e semelhança. Se você estiver em harmonia consigo mesmo, então conseguirá realizar a experiência da inteireza, que é estar de modo inteiro consigo mesmo e em contato com a fonte original da vida. A partir daí, a paz de Deus começará a se apoderar de seus pensamentos, de sua vontade, de sua consciência, e você se sentirá em condições de irradiar essa paz entre todos aqueles que cruzarem seu caminho.

Mas não pense que, ao estar em contato consigo mesmo, você não terá mais problemas. Terá, sim, e muitos. Eles fazem parte da vida. São a oportunidade para exercitarmos a paz interior. Quando analisamos a história de Jesus Cristo e a de Francisco de Assis, constatamos que, diante de grandes problemas, eles realizaram um exercício de desapego. Abriram mão do luxo, do conforto e de muitos bens materiais; em contrapartida, nunca abandonaram os valores em que acreditavam. Convictos de um propósito maior, jamais permitiram que as críticas ou os convites insidiosos daqueles que estavam entorpecidos pelas falsas riquezas os desviassem da missão de disseminar a paz pelo mundo.

Por isso, não desperdice sua vida buscando aquilo que não corresponde ao seu anseio mais profundo. A vida passa rápido e não devemos perder tempo investindo naquilo que não engrandece a nossa alma.

Viva com inteireza, busque a paz de Deus, e ela brotará dentro de você, contagiando todos à sua volta. A paz é entusiasmante. A palavra “entusiasmo” vem do grego e significa “ter Deus dentro de si”. Permita que o Senhor atue em seu íntimo e verá que, faça chuva ou faça sol, esteja o trânsito con-

gestionado ou livre, em situações difíceis ou em momentos promissores, não importa, você estará sempre em paz, porque escolheu ser um instrumento de Deus.

Leve a paz à família

Quando pensamos na necessidade da paz, é comum nos lembrarmos de cenas com pessoas desesperadas em lugares distantes, vítimas de uma guerra, de um terremoto, de qualquer outra tragédia. Talvez nos esqueçamos de que, bem ao nosso lado, dentro de casa ou no trabalho, também há gente precisando de apoio. É humano da nossa parte fazer doações em campanhas de solidariedade e participar de projetos sociais, mas precisamos abrir o coração para quem já está aqui, ao nosso lado.

Se a família é a base de tudo, por que não começar seu trabalho de propagação da paz no ambiente de casa? Por que não se aproximar daquele parente que, em razão de uma pequena desavença, acabou se afastando de todos? Por que não permitir que, aos domingos, seja mais prazeroso desfrutar das conversas geradas pelo reencontro familiar do que simplesmente da comida servida no almoço?

Quando acreditamos em Deus, sabemos que nada acontece por acaso. Você nasceu neste momento histórico para conviver boa parte do seu tempo com essas pessoas e não com outras. A sua missão (difícil, mas não impossível) é encontrar a paz no lugar onde você e elas estão.

Também é um fato que o nosso grau de tolerância com as pessoas mais próximas, com quem temos mais intimidade, é menor do que com as outras. No trabalho, por exemplo, pensamos duas vezes antes de entrar numa discussão e fazer

inimigos, mas em casa estamos mais à vontade e, ao menor sinal de invasão do nosso espaço, caímos sobre o intruso como cães raivosos para defender nosso “território”.

Para sermos instrumentos da paz precisamos dar um voto de confiança às pessoas, acreditar nelas e admirá-las. Será muito difícil manter um clima de paz dentro de casa se todos, ali, não perceberem as qualidades uns dos outros. Nós temos que dar uma chance às pessoas de nosso convívio, e construir com elas um lar pacífico, no qual ninguém vá dormir com o coração angustiado. Que cada um possa repetir com o salmista: “Em paz, logo que me deito, adormeço, pois só tu, Senhor, me fazes descansar com segurança” (Salmos 4: 9).

Para vivermos em paz em família, precisamos cuidar do nosso relacionamento com todos os membros que a compõem, e isso significa, na prática, contornar as provocações e não irritar os demais. Provocações e irritações podem acontecer, é normal, mas não valem a pena. Pequenas desavenças, ainda que passageiras e sobre questões sem importância, fazem mal a você e a todos. As grandes brigas provocam muita infelicidade! A obrigação primordial de todos os que creem em Deus é cultivar a paz no falar, no agir, nos momentos de maior conflito. Ser a ponte que permite a travessia segura sobre os abismos da vida.

Cultivar a paz, no falar e no agir, não significa camuflar os problemas e fingir que está tudo bem. Para que a união da família seja real e duradoura, precisamos ter a coragem de conversar sobre temas delicados, evitando futuras mágoas e futuros ressentimentos. Para que os familiares não se agridam é necessário que todos juntos ataquem os problemas antes que a paz dentro de casa seja prejudicada.

O diálogo franco é imprescindível. Não se trata de pôr as

“cartas na mesa” e sair falando de forma desenfreada, despejando no ouvido do outro críticas e condenações. É preciso criar um espaço de compreensão mútua, em que todos possam falar e escutar, defendendo suas ideias e expondo suas angústias. Somente assim, unida tanto nos momentos tranquilos quanto nos difíceis, a família viverá em paz.

FRANCISCO, INSTRUMENTO DA PAZ

Certa vez, São Francisco soube que o bispo e o prefeito de Assis estavam com as relações cortadas. Depois de uma ferrenha discussão, o bispo excomungou o prefeito, e este proibiu que os comerciantes do local vendessem suas mercadorias ao prelado.

A situação parecia irreversível, e ninguém se dispunha a mediar esse conflito, que prejudicava o dia a dia da cidade e deixava o povo perplexo. Preocupado, Francisco disse aos seus irmãos: “É uma vergonha para nós que o bispo e o prefeito se odeiem desse jeito e nenhuma pessoa procure interceder a favor da paz e da concórdia.”

Francisco, que estava distante da cidade, mandou dois recados por intermédio de seus irmãos frades. Um, ao prefeito, pedindo que fosse ao palácio do bispo. E outro, ao bispo, dizendo-lhe que Deus era louvado toda vez que alguém praticava o perdão. Fez ambos saberem que queria vê-los reconciliados. O prefeito, que muito admirava Francisco, repensou sua atitude e disse: “Eu perdoo, não só ao senhor bispo, e perdoaria até mesmo quem matasse meu irmão ou filho.” E o bispo disse ao prefeito: “Pela posição que ocupo, convém que eu seja humilde, mas, como sou inclinado à ira, peço, prefeito, que me perdoe.” E os dois se abraçaram e reataram a amizade.

INFORMAÇÕES SOBRE A SEXTANTE

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA SEXTANTE,
visite o site www.sextante.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.



www.sextante.com.br



facebook.com/esextante



twitter.com/sextante



instagram.com/edorasextante

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@esextante.com.br

Editora Sextante

Rua Voluntários da Pátria, 45 / 1.404 – Botafogo

Rio de Janeiro – RJ – 22270-000 – Brasil

Telefone: (21) 2538-4100 – Fax: (21) 2286-9244

E-mail: atendimento@esextante.com.br